Coronel Lage

O mestre dos foguetes

Coronel Lage

O mestre dos foguetes

Bernardino Coelho da Silva

ZK Editorial

Copyright © Bernardino Coelho da Silva

Direitos desta edição reservados à ZK Editorial Ltda.
Rua Caviúna, nº 09 – bairro José de Anchieta
CEP 29162-272 – Serra – Espírito Santo
E-mail: bsilva.escritor@gmail.com

Plataforma de publicação e distribuição: Clube de Autores
https://clubedeautores.com.br

1ª edição - 2020

Ficha catalográfica

Silva, Bernardino Coelho da

Coronel Lage: o mestre dos foguetes. Serra/ES: ZK Editorial/Clube de Autores, 2020.

270 p.

ISBN 978-65-00-13635-7

1. Foguete de Sondagem 2. Exército 3. Exploração Espacial 4. Instituto Militar de Engenharia

Bernardino Coelho da Silva é mineiro de Tumiritinga, uma cidadezinha de pouco mais de sete mil habitantes localizada no Vale do Rio Doce. É formado em Direito, com especialização em gerenciamento de projetos, pela Fundação Getúlio Vargas, e em Gestão de Negócios, pela FEAD tendo publicado, em 2017, através da editora FGV, o livro "Gerenciamento de Projetos Espaciais: do Sputnik aos dias atuais", primeira obra do gênero editada no Brasil. Em 2018, publicou o livro "Nome aos Bois: a história das falcatruas da JBS"; em 2019, publicou a obra "A caixa-preta do BNDES" e, em 2020, também publicou "Operação Lava Toga: deu a louca em Zeus!" e "Direito Espacial Internacional: contextualizado e comentado". É pai de três filhas: Priscilla, Sabrinna e Émile, que considera serem seus maiores e mais caros projetos. Desde 2014 vem se dedicando, exclusivamente, a escrever e atuar como ativista social, tanto na cidade onde atualmente reside, quanto em nível nacional, procurando influenciar cidadãos e apoiar instituições na luta permanente contra a corrupção e contra a roubalheira institucionalizada na política brasileira.

SUMÁRIO

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS!	9
INTRODUÇÃO	13
DEDICATÓRIA	19
CRÉDITOS	21
Para início de conversa	23
A infância de Manoel dos Santos Lage	27
Anos iniciais na carreira militar	39
Uma grande fonte de inspiração	53
Os antecessores do foguete Félix I	61
O foguete de sondagem “Félix I”	95
Nosso primeiro gato espacial	115
Uma ONG no caminho da ciência	121
Um passo atrás na história	129
A Justiça de joelhos diante de um general	147
Um general acuado e ainda perigoso	159
A difícil e conturbada missão espacial	179
O general Manoel dos Santos Lage	237
O ano de 1962 e além	239
O foguete Sonda I da Avibrás	251
60 anos depois...	253
Os cálculos do foguete Félix I	255

Sangue, Suor e LÁGRIMAS!

Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.

(Darcy Ribeiro)

Sonho com foguetes desde que eu tinha 10 anos. Intimamente, sabia que era isso que eu faria um dia na vida. Só não sabia como realizar aquele sonho na minha infância. Acabei fazendo mestrado e doutorado sobre esse tema. Mesmo sofrendo para estudar, foi sempre um prazer e uma diversão trabalhar com foguetes. Um jeito de me aproximar deles era ler tudo sobre o assunto.

Em 1993, lendo um livro da coleção Astronáutica, de R. Argentiere, em única página, foi que tomei conhecimento do coronel Manoel dos Santos Lage, que, na década de 1950, havia projetado e construído o primeiro foguete brasileiro de sondagem.

Quis muito, então, fazê-lo ser lembrado e, em 1994, a duras penas, consegui publicar um livro que fala dos projetos do Instituto Militar de Engenharia (IME), com o título “História dos Foguetes no Brasil”, com edição ainda bem precária, mas foi o que se conseguia na época.

Não me arrependo do trabalho; aprendi a arrepender apenas daquilo que, em algum dia, deixei de fazer.

Agora, tenho a honra de escrever a apresentação desta obra que é um trabalho belíssimo sobre um Brasil que todos nós, que lidamos na área espacial, sonhamos. A coisa deu certo. Na

Escola Técnica do Exército (ETE) construíram e lançaram foguetes, em uma época que apenas três grandes nações faziam esses experimentos com sucesso.

Fica bem claro, que iniciativas inovadoras, dependem de gente; de gente com vontade, de gente determinada, de gente capaz de lutar contra tudo e contra todos. Mesmo quando fracassam, deixam um legado que conta a nossa história.

A obra “Coronel Lage: o mestre dos foguetes” mostra a ousadia da equipe da ETE, coordenada pelo então coronel Manoel dos Santos Lage, embora toda a sua frustração em não conseguir ter lançado seu foguete inovador, o “Félix I”, que deveria ter decolado, em janeiro de 1958, da restinga de Marambaia, no Rio de Janeiro, para alcançar a altitude de 120 km levando a bordo um ser vivo: o gato “Flamengo”.

Ela também dá nome a todos que interferiram, negativamente, para a não consecução do projeto. Faz-nos entender que, comportamentos comezinhos, costumam minar iniciativas extraordinárias. O coronel Lage projetou, construiu e lançou diversos outros foguetes, mas o seu grande projeto, mesmo pronto, teve de ser abandonado.

Este livro nos faz viajar pelo Brasil das décadas, especialmente, de 1940 e 1950. Reconstrói, de maneira magistral, toda a efervescência política e social do período. Li essa obra com tremendo entusiasmo, não só pelo tema que muito me agrada, mas também pelos inúmeros fatos históricos que permearam essa iniciativa fantástica de se construir e lançar um foguete, que rivalizava com as grandes potências espaciais daquela época.

Um pouco envergonhado pelo trabalho que fiz, em 1994, tentando resgatar a figura extraordinária do grande brasileiro Manoel dos Santos Lage, mas orgulhoso desta obra fiel e bem escrita dos acontecimentos que permearam essa iniciativa de se

fazer um Brasil grandioso, embora ainda tão carente tecnologicamente. Quem faz o país é o seu povo!

Essa é uma obra de pesquisa, com detalhes da imprensa da época e dos registros que se fizeram dessa empreitada. Com essa obra, hoje podemos entender os motivos que dificultaram a operação do foguete Félix I. Não se podem fazer previsões com achismos, mas certamente, a mediocridade, daqueles opositores enciumados do coronel Lage, atrasou, em muito, a pesquisa nessa área.

Alguns justificavam os entraves, pelo receio que o fracasso do foguete, poderia respingar no nome da ETE e do Exército Brasileiro.

Ora. “Só quebra louça quem lava pratos”. Quantos foguetes americanos explodiram antes de se obter sucesso? Em foguetes, a coisa é simples: ou se tem 100% de sucesso ou 100% de fracasso, não há meio termo. O que fica claro, é que a equipe do cel. Lage foi precursora nessa área de estudos em nosso país, e aqueles que se opuseram ao seu projeto, hoje somente podem ser lembrados por conta dele, o nosso pai da astronáutica brasileira, o coronel Lage.

Não gosto do termo herói, mas ele, certamente, merece esse título. Lutou contra tudo e contra todos para tentar um objetivo.

O coronel Lage foi vencido; tenho pena daqueles que o venceram.

Professor Dr. Dawson Tadeu Izola
Instituto Federal de São Paulo - IFSP
Campus São Carlos - SP

Introdução

Se minha Teoria da Relatividade estiver correta, a Alemanha dirá que sou alemão e a França me declarará um cidadão do mundo. Mas, se não estiver, a França dirá que sou alemão e os alemães dirão que sou judeu.

Albert Einstein – físico teórico alemão

Este livro apresenta um capítulo ainda não devidamente discutido da história do Brasil e é uma homenagem à vida e à obra do pesquisador e professor da antiga Escola Técnica do Exército (ETE) - depois renomeada para Instituto Militar de Engenharia (IME) -, no Rio de Janeiro, o coronel do Exército Brasileiro, Manoel dos Santos Lage. Ele foi, em sua época, o maior especialista em foguetes balísticos no país.

Eram tempos difíceis, embora você verá que guarda alguma semelhança com a nossa recente situação política e econômica. Mas é uma das histórias mais fantásticas da nossa República, embora conhecida por poucas pessoas.

O coronel Manoel dos Santos Lage, entre outros vários trabalhos acadêmicos de aplicação militar, coordenou o projeto, a construção e os testes do primeiro foguete de sondagem brasileiro, o Félix I, de um único estágio, impelido a propelente sólido, totalmente instrumentado e com capacidade, teoricamente, de alcançar 120 km de altitude, fazendo retornar à terra o experimento levado a bordo, com massa de até 30 kg, com a utilização de dois paraquedas.

Os personagens citados nesta introdução, com as devidas exceções aos mortos antes dos eventos principais, fizeram parte direta da história do coronel Lage. Alguns deles, infelizmente, contribuindo, de forma sórdida, para projetos de grande relevância para a época, por pura vaidade e inveja, sentimentos extremamente destrutivos.

Embora contenha considerações e dados técnicos relevantes, esta obra é, essencialmente, uma leitura política de uma década em que o Brasil vivia um tremendo reboliço interno, com a posse, em 1951, do presidente Getúlio Vargas, eleito pelo voto popular.

Getúlio Vargas contou com o apoio de um grupo de militares e se tornou presidente da República com 48,7% dos votos, em sucessão ao presidente general Eurico Gaspar Dutra, que havia ocupado a vaga deixada pelo próprio Getúlio Vargas, [1] depois de oito anos de ditadura (1938-1945), no período chamado de Estado Novo.

Entretanto, Vargas, logo no início de seu governo, passou a enfrentar forte oposição na Câmara dos Deputados, onde a maioria das cadeiras foi conquistada por seus adversários, sendo que, dos 304 deputados eleitos para aquela legislatura, apenas 54 eram do PTB (Partido de Vargas) e 24 do PSP, Partido que apoiou a sua candidatura à Presidência da República.

A União Democrática Nacional (UDN), que havia sido derrotada na eleição presidencial, mas que detinha a segunda maior bancada na Câmara dos Deputados, com 81 cadeiras, passou a defender que a posse de Getúlio Vargas era ilegítima, por não ter sido obtida a maioria absoluta dos votos, argumento que foi encampado por parte dos militares do Exército, contribuindo para acirrar mais os ânimos dentro da corporação.

Depois de sua posse, Vargas distribuiu os ministérios entre os partidos que o apoiaram: PSD (4), PSP (2) e o PTB (1). Para o Ministério da Guerra foi escolhido o general Newton Estillac Leal – um militar de esquerda com ideias nacionalistas -, tendo Getúlio Vargas, com este ato, tentado prestigiar e angariar a simpatia e o apoio da ala nacionalista moderada, dentro do expecto militar,

---

1 Alguns trechos desta introdução foram baseados no livro “O Brasil da Década de 1950”, gentilmente autorizado pela sua autora, a Dra. Marly Rodrigues.

especialmente junto ao Clube Militar, do qual Estillac Leal foi presidente entre os anos de 1950 e 1952.

Porém, em março de 1952, Estillac Leal não suportou a pressão da caserna por melhores salários e reaparelhamento das forças e pediu demissão do cargo de ministro da Guerra, concorreu novamente às eleições do Clube Militar, mas foi derrotado pela chapa formada por militares ligados a alas conservadores, democráticas e anticomunistas.

Durante todo o tempo de seu governo, que duraria menos de quatro anos, Getúlio Vargas se viu envolvido em polêmicas e debates calorosos, capitaneados pela imprensa, que teve papel fundamental na criação e também na manutenção da resistente crise do governo de Vargas.

O principal órgão de imprensa a fazer oposição ao governo era o jornal *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Carlos Lacerda, mas, praticamente, todos os jornais o combatiam, com exceção do jornal *Última Hora*, do jornalista Samuel Wainer, criado no início de 1951, justamente, para funcionar como uma espécie de "imprensa chapa-branca" do governo de Getúlio Vargas.

A oposição na Câmara dos Deputados, liderada pela UDN, acusou o governo Vargas de favorecer o jornal *Última Hora*, com empréstimos subsidiados do Banco do Brasil e também de querer transformar o Brasil em uma república sindicalista. A oposição pretendia, com este argumento, abrir um processo de *Impeachment* de Getúlio Vargas.

Em votação, no dia 16 de junho de 1954, o presidente Getúlio Vargas saiu-se vitorioso, pois já tinha conseguido estruturar uma base de apoio, que abrangia 57% da Câmara. Com 211 deputados federais presentes, a denúncia que pretendia aprovar a abertura do processo de seu impedimento não foi recebida por 136 votos, contra 35 votos a favor.

Getúlio Vargas sobreviveu ao desgastante processo, mas não à crise política, que o arrastou rápido para um fim trágico. Na noite do dia 5 de agosto de 1954, o líder da oposição, o jornalista

e político Carlos Lacerda, que também era o dono do jornal *Tribuna da Imprensa*, ferrenho adversário do presidente Getúlio Vargas, foi alvo de um atentado, que ficou conhecido como o "Atentado da Rua Tonelero".

Lacerda foi ferido levemente no pé, mas um oficial da Aeronáutica, que fazia sua segurança, major-aviador Rubens Florentino Vaz, foi morto no atentado, tendo, as investigações, apontado para Gregório Fortunato - chefe da guarda pessoal de Vargas -, como o mandante do crime.

Debaixo de fogo cerrado, incluindo as Forças Armadas, o presidente Getúlio Vargas não suportou a pressão e, no dia 24 de agosto de 1954, cometeu suicídio.

Durante o desenrolar das investigações e, como a polícia tinha poucas prerrogativas para manter presos os investigados, foi instaurado um Inquérito Policial Militar (IPM), já que houve o assassinato de um oficial da Aeronáutica e a base de operações e a prisão temporária para os suspeitos foram montadas na Base Aérea do Galeão, sendo que tais instalações passaram a ser conhecidas como "República do Galeão".

Em pouco tempo, e contando com o apoio de um grupo muito grande de "investigadores" da Aeronáutica, além de todo o aparato logístico necessário, foi possível identificar todos os envolvidos na trama, capturá-los e determinar o grau de participação de cada um.

Durante o depoimento de Gregório Fortunato, este indicou como autor intelectual do atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, o general do Exército e político carioca, Ângelo Mendes de Morais, que foi denunciado pelo Ministério Público, mas acabou tendo seu processo arquivado pela Justiça Militar, depois da Justiça Comum se colocar como incompetente para julgá-lo, já que teria sido no desfecho, supostamente, um crime de militar contra militar.

Daí o caso foi parar no Supremo Tribunal Federal, que corroborou a decisão de que o crime deveria ser julgado pela Justiça Militar. Ambiente perfeito para a impunidade, desta feita com a proteção da Justiça Militar.

O final do governo, comandado pelo vice-presidente Café Filho, foi dos mais caóticos, até que tomou posse, em 31 de janeiro de 1956, o presidente eleito Juscelino Kubitschek, depois de um período de 67 dias de Estado de Sítio decretado pelo presidente do Senado Federal, senador Nereu Ramos, a pedido do general Henrique Teixeira Lott, então ministro da Guerra, nomeado por Café Filho, que assim pretendeu barrar a pressão vinda da caserna, através do oficialato, mas, principalmente, pela grande influência exercida pelo general Newton Estillac Leal junto aos militares.

O presidente Juscelino Kubitschek teve sua posse assegurada pelas armas e governou com o apoio das Forças Armadas, principalmente porque manteve à frente do Ministério da Guerra o general Henrique Teixeira Lott, que exerceu este cargo até 1960.

Lott soube manter a ordem e a disciplina entre os militares, pela convicção que tinha quanto ao respeito à hierarquia militar e ao governo constituído.

Juscelino Kubitschek fez um governo pautado por ambiciosas metas desenvolvimentistas, mas que também trouxeram, no rastro de seu sucesso, alguns problemas, como a alta da inflação motivada pelos elevados gastos públicos e pela queda de preço de produtos exportados, o que se repetiu em 1958, aliada, então, ao aumento da dívida externa brasileira.

Entretanto, para Juscelino Kubitschek, a crise era própria do momento de crescimento que passava o país. Entretanto, aqueles que se sentiam prejudicados pela inflação não concordaram com isso e foram à luta, tendo sido a mais importante manifestação, a ocorrida em 1957, em São Paulo, chamada de 400 mil. Outra grande manifestação contra a política

econômica do governo JK ocorreu em 1959, chamada “Comício do Feijão”.

O período de 1957 e 1959 também foi o auge na carreira profissional do tenente-coronel Manoel dos Santos Lage, quando ele e um grupo de oficiais, pesquisadores e alunos da Escola Técnica do Exército (ETE), distanciados do burburinho que corria nas ruas e na caserna, se preocupavam, exclusivamente, em produzir ciência da melhor qualidade e, especialmente, desenvolver projetos inovadores de armamentos para o Exército Brasileiro, além de projetos de cunho civil e aplicáveis à ciência espacial.

E o projeto que mais gerou polêmica e que poderia ter sido um passo enorme do Brasil rumo ao Espaço, foi o foguete de sondagem BD-360-EB ou Sonda I, com alcance projetado para 120 km de altitude, projetado e produzido com 100% de tecnologia nacional, com aplicação 100% científica e civil.

O foguete, que não foi lançado, por causa de ciúmes de parte de oficiais do Alto Comando do Exército, ficou conhecido do público como “Félix I”. E é dele e, sobre os acontecimentos que orbitaram em torno desse revolucionário projeto de pesquisa científica, que este livro irá levar você, a partir de agora, a tomar conhecimento.

É uma história que envolve, além de todo o empenho no ensino de engenharia militar, a política rasteira e os traços mesquinhos da espécie humana, como a inveja, ciúme, arrogância, jogo de poder, corrupção e morte.

Tudo isto, vindo de pessoas influentes do generalato do Exército Brasileiro, fez fracassar uma experiência que poderia ter dados outro rumo para a Política Espacial Brasileira, até hoje, vítima da incompetência, da falta de compromisso e da burocracia que faz empacar a maioria das iniciativas do grupo de especialistas que ainda acreditam ser possível fazer Ciência Espacial no Brasil. Boa leitura!

Bernardino Coelho da Silva

Dedicatória

A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento.

Frederick Irving Herzberg – estudioso norte-americano das relações de trabalho



Coronel Manoel dos Santos Lage – Crédito: Manchete/Jader Neves

Esta é uma justa homenagem à memória do pioneiro na arte de fabricar foguetes no Brasil, o coronel Manoel dos Santos Lage, que dedicou boa parte de sua vida ao Exército Brasileiro, e toda ela à família e à produção de ciência, como professor, pesquisador e artífice dos muitos projetos de foguetes e armamentos que idealizou ou ajudou a desenvolver na antiga Escola Técnica do Exército (ETE).

Coronel Lage: o mestre dos foguetes

Manoel dos Santos Lage nasceu no Rio de Janeiro, no dia 4 de junho de 1910. Ele casou muito cedo, no dia 21 de maio de 1936, com Zilka Cândida Arruda, nascida no Rio de Janeiro, no dia 22 de dezembro de 1919 e que passou a assinar Zilka Arruda Lage. O casal teve duas filhas, Helly Arruda Lage, nascida no dia 12 de fevereiro de 1937 e Suelena Arruda Lage, que nasceu no dia 4 de janeiro de 1944. Lage era moreno, com altura de 1,70 m, forte e meio calvo.

“Eu conheci o tio, que me levava para os bailes de carnaval, que ele adorava. Ele sempre me buscava para passar o fim de semana na casa deles em Araruama e adorava satisfazer as nossas vontades”, afirma Roseane Arruda Geschwind que ainda hoje cuida de sua prima Suelena, como sua curadora.

Segundo Geschwind “Lage era uma pessoa ímpar, um pai extremoso, sempre presente, amigo, companheiro e grande referência para as filhas. Ele era uma pessoa admirada por todos da família; não havia quem não gostasse daquele seu jeito bonachão, calmo, risonho, sempre bem-humorado e solícito”.

Créditos

Motivação é a arte de fazer as pessoas fazerem o que você quer que elas façam porque elas o querem fazer.

Dwight David "Ike" Eisenhower – 34º presidente dos Estados Unidos da América

Este livro foi escrito com base em informações obtidas através de pesquisa online nos arquivos da Biblioteca Nacional, que mantém acessível, um incrível acervo jornalístico, a quem registramos nossos agradecimentos.

Foi um trabalho muito prazeroso e que contou com informações obtidas do acervo histórico dos órgãos de imprensa citados abaixo, além de outras informações esparsas, citadas ao longo da obra:

A Noite
Careta
Correio da Manhã
Diário Carioca
Diário da Manhã
Diário da Noite
Diário de Notícias
Folha da Manhã
Folha de S. Paulo
Jornal do Brasil
Manchete
Marítima Brasileira
O Mundo Ilustrado
O Cruzeiro
O Jornal
Revista Semanal
Tribuna da Imprensa
Última Hora

Para reescrever essa história, também contei com a inestimável ajuda de duas pessoas, a quem rendo meu mais profundo agradecimento:

Roseane Arruda Geschwind, que é sobrinha do tenente-coronel Lage, me ajudou a reconstruir a figura do ser humano por trás do papel de militar e de cientista e me corrigiu, inúmeras vezes, com relação a datas importantes, além de me fornecer os poucos documentos que restaram da família.

Dr. Dawson Tadeu Izola, professor do Instituto Federal de São Paulo, Campus São Carlos. Dawson, além de ter sido sempre atencioso ao me atender e clarear o entendimento sobre algumas questões técnicas envolvendo a fabricação de foguetes foi altamente gentil ao escrever a apresentação da obra.

Para início de conversa

Alguns homens veem as coisas como são, e dizem 'Por quê?' Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo 'Por que não?'

George Bernard Shaw - dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês.

Esta história, cronologicamente, se inicia no ano de 1910, quando nasceu o carioca, batizado com o nome de Manoel dos Santos Lage, filho do Senhor Camillo dos Santos Lage e da Senhora Quitéria Magalhães Lage.

Em março de 1929, o jovem Manoel dos Santos Lage iniciava-se na carreira militar, como praça. Depois de quase quatro anos de instrução militar e estudos acadêmicos, no dia 22 de dezembro de 1932, ele foi declarado aspirante ao oficialato do Exército Brasileiro.

Ato contínuo, o aspirante Lage foi designado para servir no 5º Regimento de Artilharia Montada, em Santa Maria (RS), onde ficou até 1934, tendo, então, sido transferido para a 4ª Bateria Isolada de Artilharia da Costa (4ª B.I.A.C), no Rio de Janeiro (RJ), cidade onde serviu ao Exército Brasileiro até o mês de julho de 1961, quando foi transferido para a Reserva Remunerada, no posto de general-de-Divisão.

A primeira vez que identifiquei o nome do coronel Manoel dos Santos Lage, foi numa pesquisa que fazia com o propósito de reconstituir, pelo menos em parte, a história da pesquisa e da exploração espacial no Brasil, desde os seus primórdios até os dias atuais, com vistas a documentar este assunto, que é para mim, um dos mais fascinantes.

Lendo alguns trechos de sua história, exposta em jornais da época, me aguçou a curiosidade em saber um pouco mais sobre o seu trabalho como pesquisador, professor e coordenador do Curso de Engenharia e sobre seus projetos na área de foguetes.

Para tal, busquei a fonte: o Instituto Militar de Engenharia (IME), na tentativa de obter mais dados. Mas não fui atendido, como gostaria. Disseram-me que o Instituto não tinha qualquer foto do coronel Manoel dos Santos Lage e outras informações e que eu deveria tentar no Museu do Exército. Aí, então, nem responderam à minha consulta.

Acessei a página do Museu do Exército Brasileiro e preenchi um formulário de contato que, no campo “assunto” tinha a opção “Procura por Militares”.

Expliquei o que queria, informei o link onde estavam já 450 páginas da pesquisa sobre a história da exploração espacial no Brasil e pedi uma foto para ilustrar o texto referente à construção, em 1958, do protótipo de um foguete de sondagem sob a coordenação do coronel Manoel dos Santos Lage. A resposta veio, em seguida, dizendo que o Exército não fornecia informações sobre militares.

Achei todos esses fatos algo muito estranho e, para não ficar na dúvida e não ser abatido por uma resposta negativa de um burocrata fardado, parti para pesquisar, por outros meios e, igualmente, oficiais: jornais e revistas da época, disponível nos arquivos da Fundação Biblioteca Nacional, e também, pelos próprios acervos históricos dos órgãos de imprensa, além de ter localizado uma sobrinha do coronel, que me forneceu valiosas informações.

Foi então, que pude entender que o “não” recebido, tinha sido melhor do que se tivesse recebido uma resposta positiva, pois eu usaria a fotografia e perderia a oportunidade de conhecer essa vibrante página da história da pesquisa espacial no Brasil.

Você se deparará, a partir das próximas páginas, com um relato que bem poderia ser o roteiro de um filme, pois não falta uma rede de intrigas, assassinatos políticos, pressão indevida de fornecedores junto ao governo, conivência da Justiça com o crime, pesquisa tecnológica e científica, pouca autoridade no

meio militar, além da falta de visão estratégica, num Brasil atrasado e confuso politicamente, com o ápice dessa história tendo lugar em 1958, na Cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal e capital da República.

Naquele ano, governava o Brasil o presidente Juscelino Kubistchek, com toda a sua motivação para fazer 50 anos de Brasil em cinco de mandato e estava na pauta do dia a construção de Brasília, para ser a nova Capital Federal.

Outros fatos agitavam as manchetes diárias dos jornais cariocas naquele ano: os Estados Unidos criavam a NASA e tinham lançado seu primeiro satélite depois da União Soviética ter conseguido lançar três satélites, o movimento revolucionário liderado por Fidel Castro, para derrubar o ditador Fulgêncio Batista e a nossa seleção de futebol ganhando o primeiro título mundial, ao derrotar a Suécia, por 5x3, com gols de Vavá, Pelé e Zagallo.

Mas vamos nos ater aos personagens envolvidos na trama principal, que foi a proposta de se lançar ao espaço um foguete de sondagem, o F-360-BD (ou, como batizado na época pela imprensa “Félix I”), pela ETE e tudo que girou em torno desse projeto, que foi o primeiro do tipo feito no Brasil, embora nunca tenha decolado.

A infância de Manoel dos Santos Lage

Para realizar maior parte das coisas que desejamos, precisamos recuperar a magia da infância, precisamos recuperar o Mago que há dentro de nós, e fazer valer a crença de que confiando, exclusivamente, em nós mesmos, podemos ultrapassar qualquer barreira, qualquer fronteira!

Augusto Branco – poeta e escritor brasileiro

Sábado, dia 4 de junho de 1910. A temperatura estava agradável na Capital Federal, a Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro, quando Quitéria Magalhães Lage deu a luz ao primeiro filho, com a ajuda de uma experiente parteira. [2]

À criança recém-nascida foi dado o nome de Manoel dos Santos Lage, com registro feito no 9º Registro Civil das Pessoas Naturais da Capital, localizado no bairro de São Cristóvão, Termo 678, folha 84, do livro nº A-69.

Quitéria, que tinha origem portuguesa, havia se casado no dia 11 de abril de 1909, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, com o espanhol, Camillo dos Santos Lage. Naquela época, eles moravam na Rua Bonfim, nº 194, no bairro de São Cristóvão, zona central da cidade.

O casal, além de Manoel dos Santos Lage, teve outros cinco filhos: Mário, Waldemar, Jorge, Marina, além de outra filha,

---

[2] Em 1910, quando nasceu Manoel dos Santos Lage, o Brasil era ainda muito atrasado e a cidade mais populosa era o Rio de Janeiro, então Capital Federal (691.565 habitantes), que crescia de forma desorganizada, com as pessoas buscando meios de sobreviver na cidade grande, deixando para trás o interior ainda mais atrasado. Os problemas se avolumavam e a saúde não ficava de fora, razão porque, além das obstetras formadas pela Academia de Medicina, que também eram chamadas de parteiras, as práticas eram também bem-vindas e tinham grande prestígio e popularidade. Além da assistência às gestantes no momento de dar a luz, as parteiras costumavam receitar poções abortivas e para evitar gravidez.